

A Falta Essencial



Mauro Bilharinho Naves

Dos estilhaços

De tantos nãos,

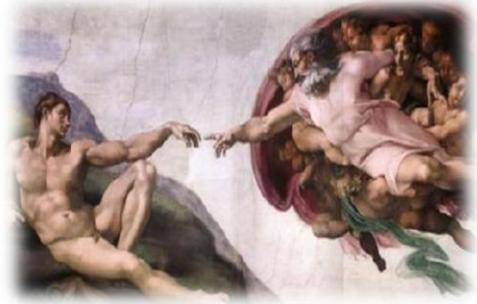
Fiz o meu sim

I- Introdução

Os antigos gregos, quando precisavam separar-se, lançavam mão de um recurso a que chamavam “símbolo”. Tratava-se de um objeto do qual era extraído um fragmento e aquele que estava partindo ficava de posse deste. Posteriormente, os participantes desta partilha podiam reconhecer-se mediante a recomposição do objeto. O “símbolo” é, portanto, um fragmento, pois quando as partes são reunidas ele deixa de existir. Mas o símbolo é também representante do desejo de retornar à união que existia na sua origem.

O ser humano vem ao mundo em condições de fragilidade e necessitando do cuidado materno para sua sobrevivência, mas este cuidado é, paulatinamente, retirado e a criança que perdeu a vida intrauterina, perde também o seio e os cuidados intensivos da mãe. Percebe-se um paralelo entre o fragmento humano que se desprende da mãe e traz o desejo de refazer a unidade perdida com o conceito grego de símbolo.

O homem criou o símbolo, portanto, à sua imagem e semelhança. Tal característica do símbolo não escapou a Peter Berger(1973), pois para ele “o próprio homem é um símbolo...e representa .. o que está além e é seu fundamento último”.



Qual é o fundamento último do homem? Ou seja, o homem é símbolo de quê? Para encaminharmos esta questão, do ponto de vista do estudo dos mitos, lembremos que o símbolo compreende simbolizante e simbolizado. O último é a matriz de onde foi extraído o fragmento e o primeiro é o fragmento que representa a matriz. O símbolo evoluiu para constituir-se em recurso de investigação e conhecimento do inacessível, do invisível, do inconsciente, enfim do que não pode ser estudado por outros meios.



A incompletude essencial do homem pode ser desdobrada em quatro facetas que se referem à precocidade do nascimento, à incompletude sexual, à incompletude do fazer e à incompletude no tempo ou à condição de mortal.

A prematuridade do recém-nascido humano já foi antes mencionada e é o fator determinante do apego da criança à sua mãe.

A incompletude sexual, consequência da reprodução sexuada, surge como a frustração de não possuir os atributos biológicos e sociais do outro sexo. Afirma Devereux (1990) que o ser humano jamais aceitou totalmente a sexualidade e a consequente dualidade em que ela implica). Portella Nunes (1992) mostra que a chamada “guerra dos sexos” radica na incompletude básica do ser humano e considera que esta agressividade vai continuar até que se processe a elaboração do masculino e do feminino, ou seja, quando um sexo puder ver no outro uma condição para sua realização.

A incompletude do fazer representa a frustração da impotência. Winnicott (1997) destaca a importância da ilusão de onipotência para o recém-nascido e mostra como a necessidade de lidar com frustrações graduais vai levando o ser humano ao desenvolvimento.

A consciência que tem o homem de sua condição mortal o coloca diante de outra de suas incompletudes básicas. Para Freud (1980), que escreveu em 1915, a ideia da morte jamais é aceita pelo ser humano, sendo que, inconscientemente, estaria convencido de sua própria imortalidade. Segundo Otto Rank (apud Becker 1976) o medo da morte é a origem das angústias do homem.

Os mitos apresentam, de modo geral, a perspectiva do homem como um ser divino, um fragmento do céu caído sobre a terra e que aspira voltar à sua origem. Como escreve Paul Diel (1991), a vida emana do mistério e aspira retornar ao mistério que a originou. Desta forma, o céu e os seres que o habitam, é concebido como lugar de perfeição e plenitude e a terra, com aqueles que nela estão, corresponde à morada da imperfeição e da incompletude.

Se o homem é um fragmento do divino, simbolizante deste, então os deuses são o simbolizado do homem, o que o homem está simbolizando. A esfera celeste, de acordo com esta concepção, é a matriz que permite ao fragmento homem existir como representação dos seres divinos.

Como ensina Chevalier (1989) a desintegração do uno em múltiplo permite perceber a unidade deste múltiplo, correspondendo este procedimento à busca do saber através dos mitos e símbolos. O filho pródigo não “tinha” um pai amoroso, mas um chefe ao qual devia obedecer e trabalhar. Não mais quis esta dependência, pediu sua parte na herança e partiu. Com o tempo, foram-se os bens recebidos e veio a adversidade. Foi numa pocilga, considerada, então, um trabalho de nível bem baixo, que ele percebeu inteiramente quem era seu pai e lembrou-se da maneira justa como tratava seus empregados. Resolveu, então, voltar e pedir um emprego a seu pai. Foi recebido com amor e com festa e pôde então ter verdadeiramente o

pai amoroso do qual não tinha podido usufruir. O filho pródigo partiu, ou seja, fragmentou-se porque queria ser mais ele mesmo. Sua jornada heróica foi, inicialmente, semelhante à de Ícaro, mas ao fracasso inicial sucede-se uma nova oportunidade, o benefício da experiência e a descoberta de si mesmo e do pai. Perdeu os bens que havia recebido, mas isto lhe permitiu reconhecer seu erro, pedir perdão ao pai e reunir-se à família. E o pai pode saber mais de seu amor pelo filho que julgava perdido. Daí os protestos do outro filho, que por estar sempre ao lado pai, era “tido” por este de forma menos intensa e mais despercebida.



O homem está marcado por uma falta essencial que o humaniza, torna-o um ser desejante que aspira o impossível de uma realização plena que o conduziria para além da condição de ser humano.

Diferentes perspectivas podem ser abordadas a respeito da “falta essencial”. O que estou apresentando é parte de um modelo simbólico e mítico para compreensão do homem. Estamos, portanto, na área da psicologia e não da religião. Os elementos culturais que serão mencionados estão, entre outras funções, a serviço da elaboração das perdas. Antecipam e acrescentam-se à psicanálise, processo organizado deliberadamente para produzir resultados terapêuticos.

II- O Herói

A jornada do herói é descrita, de modo simplificado como apresentando três momentos: a separação, a iniciação e o retorno. A separação é um momento em que o herói abandona o convívio com a mãe, deixa o território conhecido, habitado por sua tribo, e parte para cumprir sua missão. A jornada começa, portanto com as perdas da mãe e do lar. A motivação para a jornada é que o herói descobriu sua incompletude e sua missão é, portanto, o resgate de algo que está faltando. Na verdade o que está faltando é o desenvolvimento do herói que vai ser obtido, se ele tiver êxito em sua missão, através de tarefas que o conduzirão à transformação.

Trata-se da fase de iniciação em que o aprendizado mais importante do herói é sobre ele mesmo. No momento do retorno, o herói divide com sua comunidade o que obteve e provoca uma mudança no modo de vida dos demais.

Cada ser humano possui sua fração “heróica”. Cada um é chamado para cumprir sua missão e cumprir a missão é partir. Partir-se, despetalar-se pelos caminhos da vida. No trajeto o herói ultrapassa vários portais, guardados por monstros, recebendo para isto auxílio dos deuses e de animais companheiros. Provas o esperam em vários pontos do caminho.



É o que acontece na história de Ulisses que partiu de Ítaca, onde deixou sua esposa Penélope e seu filho Telêmaco. Mais adiante, encontrando-se prisioneiro do ciclope Polifemo, diz a este: “Meu nome é ninguém”. Mais tarde, tendo ficado cego, por artes de Ulisses, o cíclope clamou a seus irmãos por vingança e quando estes lhe perguntaram: “Quem fez isto?” Ele respondeu: “Ninguém”. E seus irmãos concluíram: “Se foi ninguém, nada podemos fazer”. E assim este herói astuto e corajoso conseguiu fugir da caverna de Polifemo, onde ele e seus homens estavam aprisionados.

O herói tem outras qualidades além das que ficam evidentes em Ulisses. Em Hércules ou Hércules, como diziam os romanos, destaca-se a força que permitiu a ele estrangular duas serpentes quando tinha apenas alguns meses de vida. Mas a jornada do herói conta também de suas quedas e do modo como as superou. Hércules que chegou a mandar para o Hades seu professor de lira, quando foi repreendido por este, e, num acesso de loucura, exterminar sua família, soube reerguer-se e ganhar um lugar no Olimpo. Ali não estava mais sujeito a quedas, pois havia se convertido em deus. Os deuses diferem dos homens pela sua completude; nestes está presente uma falta essencial que faz da vida uma busca.

Os heróis são modelos para os demais seres humanos, pois mostram caminhos de coragem e persistência através dos quais puderam obter a transformação interna.

Nossos heróis modernos são menos duradouros que os heróis clássicos, fornecendo modelos efêmeros, superficiais e contraditórios. Como afirma Umberto Eco sobre o Super Homem, “muita consciência cívica e nenhuma consciência social”. A “falta” é assim reduzida ao comportamento individual e as “faltas” oriundas do sistema sócio-político são desconsideradas. Vivem, os heróis de nossa época, num mundo competitivo. Estão ligados mais ao profano que ao sagrado e podem apresentar-se virtualmente através dos “vídeo games”. São, pois, modelos inconsistentes para o viver.



Estas experiências virtuais podem, ainda, funcionar como um substituto da realidade e não mais como um modelo a ser assimilado e integrado à vivência de cada um. O imaginário precisa estabelecer pontes com o real. Caso contrário, o ser humano ficará cindido, incapaz de incorporar à vida suas ilhas de fantasias. O virtual tenta negar a falta por um caminho não criativo e alienante.

III- O Trapaceiro

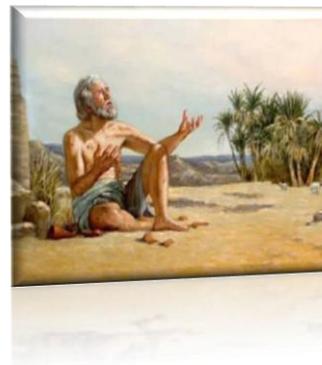
O trapaceiro é um “arquétipo cultural” que representa os acontecimentos inesperados, positivos ou negativos, que trazem à tona algo que vinha sendo negado ou mal percebido. No mito grego aparece como Hermes o deus dos caminhos; nas crenças afro-



brasileiras como o Exu e nas referências cristãs, quer como o “filho do homem” que virá como um ladrão, quer como Satã que inflige todo o tipo de desventuras a Jó para testar sua fé. A história de Jó, integrante do texto bíblico, é um marco cultural na civilização judaico cristã. Trata da questão de

porque sofrem os homens bons. O diálogo entre deus e satã é intrigante, pois a fidelidade de Jó é testada por um deus que é concebido como onipotente e infinitamente bom. O que ganhou Jó com as perdas de seus bens, de sua família, de sua saúde? Certamente a recuperação “em dobro” do que tinha possuído não compensou a dor que passou. Sua “recompensa” terá sido a intimidade com deus que sua dor tornou possível?

Como lemos no texto bíblico: “Conhecia-te só de ouvido, mas agora viram-te meus olhos, por isso retrato-me e faço penitência no pó e na cinza” Jó 42,5-6.



Se não podemos indagar de Deus dos seus motivos, podemos refletir sobre os motivos dos homens. Jó vivia bem, era respeitado e prosperava, o que o trapaceiro quis lhe dizer? Talvez que havia mais o que conhecer a respeito de si mesmo, mais a experimentar na condição de ser humano e assim poder estar mais próximo, “sentir” a Deus. Esta história pode ser encarada como uma situação limite em que “apesar de tudo” alguém manteve sua fidelidade a deus. Pode ser vista como demonstrando que sempre falta algo a um ser humano, a começar pelo conhecimento do seu futuro, pois o homem é um navegante do tempo. Falta algo pela fragilidade de seu ser, sujeito, como Jó, às artes do trapaceiro. Estas artes revelam a sua essência, sua abertura para o mundo, para seus encantos e desencantos. Esta abertura indica a conexão perdida, a falta essencial.

“Ando devagar porque já tive pressa e trago este sorriso porque já chorei demais”. Este verso faz parte de letra da música “Tocando em Frente” de autoria de Renato Teixeira e Almir Sater. Descreve-se o ganho na capacidade de usufruir a alegria e a serenidade para quem experimentou adversidades na vida e pôde aprender com isto.

A música de Antonio Carlos Jobim “Retrato em Branco e Preto” traz, em sua letra, uma descrição expressiva das perdas e ganhos no plano

sentimental. **“Já conheço os passos desta estrada, sei que não vai dar em nada...”** A dupla negativa do “não” e do “nada” sugere que o caminho do amor leva a alguma coisa que não é, em geral, o que desejam seus participantes, pois a experiência do amor é inseparável da frustração.

As sociedades arcaicas, através dos ritos de iniciação, instituem provas dolorosas pelas quais devem passar os meninos para serem aceitos como adultos, como guerreiros. Estas provas vão desde deixar-se picar por abelhas ou formigas ferozes até ser pendurado por ganchos introduzidos na epiderme do tórax e ficar presos a árvores, chegando ao quase desfalecimento. O que estas sociedades pretendem é que seus jovens possam sentir-se dignos de pertencer ao grupo de adultos, para o que precisam perder a condição de crianças. As mulheres não são, via de regra, submetidas a este tipo de provação. A natureza encarrega-se de iniciá-las através da primeira menstruação. Neste tipo de demarcação, que na sociedade contemporânea não é tão nítido, fica claro o que é perdido e o que se ganha.

Para que se possa aprender com as experiências da vida é necessária a capacidade de suportar a frustração. É a partir dela que Bion (1994) postula a origem da capacidade de pensar. Tal postulação não fica distante da intuição poética de Fernando Pessoa(1976) **“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”**. Esta “pena” pode ser interpretada como frustração, falta, perda, dor.

IV- Psicanálise, Mitopoética e Conclusões

Algumas posições de Winnicott e Lacan, de alguma forma se completam, na maneira de conceber a insuficiência humana. As menções a estes dois autores não encerra a pretensão de expor suas concepções. O intento é de pinçar pontos relevantes para o assunto que estamos tratando.

Para Winnicott (1975), se as condições adequadas estão presentes, a vida psíquica começa com a experiência do bebê de poder criar aquilo de que necessita. Esta é experiência do bebê, pois o observador externo vai perceber que, no momento em que este tem fome, uma mãe atenta oferece

o seio, permitindo que o filho sintasse o criador deste seio. Esta capacidade da criança é denominada por Winnicott “criatividade primária”; esta criatividade mantém-se ao longo da vida, passando por algumas transformações. O adulto, salvo exceções, mantém uma fração de sua criatividade original. A criatividade do adulto faz parte de sua saúde mental e um importante objetivo da psicanálise é, segundo este autor, desenvolvê-la, utilizando-a como instrumento terapêutico essencial.

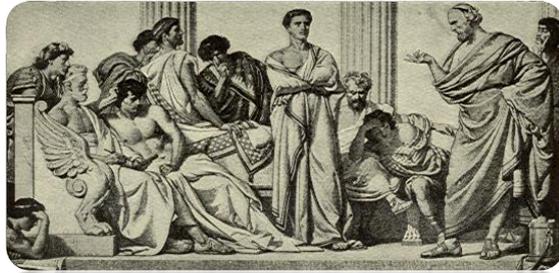
Portanto, para Winnicott há um momento de plenitude, propiciado por uma mãe “suficientemente boa”, antes que frustrações, ou as “falhas” inevitáveis da mãe, introduzam a falta na vida do ser humano a qual ele poderá administrar através de recursos como os “objetos transicionais”, o brincar, a arte, a psicanálise e as produções da cultura em geral. Estas formas criativas são a resposta para falta das condições iniciais asseguradas pela mãe. A frustração promove o desenvolvimento em direção às formas criativas adultas. O momento criativo é aquele em que o indivíduo sente-se ele mesmo, percebe o sabor ou colorido singulares que é capaz de experimentar acerca da experiência de estar vivo. O homem, portanto, é deus caído, queda que o humaniza e o conduz à criatividade e à humildade.

Lacan considera que a vida mental já se inicia com uma falta. Desta falta fundamental surge o objeto “pequeno a”, objeto causa do desejo, composto a partir dos estilhaços das perdas sofridas pelo bebê. A partir desta falta o homem se articula como ser desejante.

Comparando os dois autores percebemos que Winnicott enfatiza a plenitude inicial, tornada possível pela mãe suficientemente boa que, do ponto de vista do bebê faz parte dele. A partir daí é possível a elaboração subjetiva da falta e a criação dos objetos transicionais e do brincar. A falta pode ser, portanto, de alguma forma, preenchida. Para Lacan a falta pode ser apenas nomeada, pois a separação entre o sujeito



e o outro está presente desde a origem do sujeito. Para Lacan o ser humano vive o desejo ao lidar com a falta do objeto através da palavra. Winnicott propõe que o homem lança mão da ilusão criativa para dar colorido ao objeto e à sua própria vida.



Platão, em seu diálogo “O Banquete” conta, através de Sócrates, que o amor nasceu da união de Poros e Pênia, ocorrida no casamento de Afrodite. Poros é o recurso e Pênia, a falta. Neste momento do diálogo,

Sócrates defende a ideia de que quem ama almeja o que lhe falta, pois o que já tem não teria motivos para desejar. Mas Sócrates também conta que o indivíduo começa por desejar o belo corpo, mas logo percebe que há diversos belos corpos e o desejo volta-se para os belos corpos. Em seguida percebe que o corpo é efêmero, sofre uma decadência com a passagem do tempo e o desejo passa a ser da bela alma, dos ofícios e das leis, das ciências e, finalmente deseja a ideia da beleza, o belo em si mesmo, aquilo de que tudo que é belo participa e cuja beleza é imperecível, permanente e inalterável, conclui o diálogo platônico.

Considerando que o conceito de “amor”, apresentado no diálogo muito se aproxima da concepção de desejo, voltemos ao cotejo entre Winnicott e Lacan. Parece-nos que Lacan coloca mais acento em Pênia que Poros e Winnicott valoriza mais Poros em relação a Pênia. Além disto, Winnicott assemelha-se a Sócrates quando descreve diferentes tipos de produção criativa, correspondentes às etapas de desenvolvimento do indivíduo. Pode-se fazer, também, um paralelo quanto ao ponto de partida que é considerado por Winnicott a “criatividade primária”, o momento em que a mãe pode propiciar ao bebê uma sensação de onipotência, que gradualmente frustrada, dá origem ao desenvolvimento de outras formas de criatividade. No texto de Platão a notícia da ideia de beleza é obtida nas esferas celestes nas quais a alma habita antes de sua encarnação. O processo de desenvolvimento é, para este autor, uma anamnese ou

recordação, mediante a qual o filósofo, ser humano mais próximo da completude, recorda-se de sua pátria celestial de origem. A formulação de Platão “sema soma”, ou seja, “o corpo é o sepulcro da alma” dá ideia dos limites desta realização no plano terrestre.

Para Winnicott, a falta é resultado da frustração por parte da mãe e o recurso é a criatividade. Para Platão, a falta é esquecimento e o recurso é a anamnese, o conhecimento. Finalmente, para Lacan a falta é a causa do desejo, a partir dos estilhaços do que foi perdido e o recurso é a palavra que circunscreve a falta.

Afinal a concha é côncava ou convexa? E o copo d’água está meio cheio ou vazio? Do ponto de vista lógico as duas alternativas equivalem-se, mas a experiência, pessoal ou clínica, pode privilegiar um ou outro destes aspectos, assim como fazem, parece-me, as teorias de Lacan e Winnicott. Em alguma medida, e à parte evidentes divergências, estes autores completam-se, pois haverá mais de um modo de pensar a falta.

Os tradicionais versos japoneses, conhecidos como “hai-kais”, tem uma estrutura que lembra o relato de Platão sobre o nascimento do amor. O primeiro verso traz uma condição da natureza, o segundo um fenômeno e o terceiro mistério e profundidade. Observe-se o seguinte exemplo, de autoria de Ana Suzuki:

Noite na praia

Pescadores recolhem

Estrelas cadentes.

“Noite na praia” é semelhante ao “recurso” no relato grego, pois praia é uma condição da natureza, lugar de fronteira entre a terra e o mar, de observação do horizonte que se alonga pelo oceano, até que os azuis do mar e do céu se encontrem. A noite traz à praia seu mistério, a contemplação da lua e a oportunidade de observação das estrelas. Mas os pescadores que usufruem destas oportunidades estão em busca de saciar sua sede de beleza, de harmonia e seu ímpeto de conviver com os

mistérios. São, portanto carentes, representantes da “falta”. O terceiro verso “Estrelas cadentes” mostra que o “hai-kai” vai mais além do esquema de Platão e acrescenta na dinâmica do desejo humano um dos possíveis resultados da interação do “recurso” com a “falta”: mistério, profundidade e transcendência.

É o que também mostra Cecília Meireles em seu admirável e breve poema “Quarto Motivo da Rosa”:

***“Não te aflijas com a pétala que voa,
Também é ser deixar de ser assim.
Rosas verás só de cinza franzida,
Mortas intactas no teu jardim.
Eu sinto aroma até nos meus espinhos,
Ao longe o vento vai falando em mim.
E é por desfazer-me que me vão lembrando,
Por desflorar-me que não tenho fim.”***

As perdas e, portanto, as faltas são a forma de ser do homem. Mas a vulnerabilidade permanente às perdas traz angústia e sua consumação algum luto. Quase poder-se-ia dizer que só se tem o que se perde, ou pelo menos, que se tem muito mais intensamente o que se perde.

Ficar intacto, se possível fosse, seria como estar morto, transformado em cinzas franzidas. Ou seja, quem não quer viver nenhuma perda, perde tudo porque está morto para a aventura de viver.

Os espinhos também fazem parte da vida, são o contraste que destaca a suavidade das pétalas. Mas os espinhos também contêm alguma coisa da nossa essência, são firmes e vigilantes. Dizem “não” quando é preciso, ao passo que as pétalas preferem dizer “sim”. Mas, mesmo quando se

excedem, tem os espinhos o recurso de pedir ao vento, ou seja, ao dom da voz, que espalhe seu perfume e suas razões.

Para o ser faltante que é o homem, a perda é a origem, o caminho e o destino final. Há, pois, uma falta essencial que é, a um tempo, incompletude e possibilidade de abertura para o outro e para o mundo. Mas os versos trazem também um clima de aceitação serena da vida humana como ela é. Para manter a esperança, ou seja, a fé na vida como algo de inestimável valor, é preciso superar a expectativa, isto é, a ansiedade de controlar o que vai acontecer.

Conta-se que tudo que merece ser dito, pode sê-lo através de uma história. Não sei se será uma verdade absoluta, mas vou lançar mão de uma delas para finalizar este trabalho.

Esta história foi útil em alguns momentos em meus trabalhos psicoterapêuticos com pacientes individuais ou grupos.

Era uma vez uma menina que, ao chegar à adolescência começou a se queixar de um vazio por dentro. Foram consultados vários médicos, mas, após muitos exames, nenhum deles pode explicar o que passava com Mariana. O sintoma persistia e a família preocupada não sabia o que fazer. As informações da menina eram vagas, “um vazio que incomoda”, dizia ela, “às vezes aumenta e às vezes diminui”, acrescentava. Além dos familiares, parentes e amigos queriam ajudar. Chás, remédios caseiros, mudanças alimentares não funcionavam. A certa altura, a mãe de Mariana tendo uma conversa a sós com ela, disse ter-se lembrado que, mais ou menos na mesma idade de Mariana, tivera uma sensação semelhante. Não ficou esclarecido o que era, mas ela fizera um esforço para tirar a preocupação da cabeça e dera certo. Mariana não quis fazer o mesmo que a mãe, “eu não quero esquecer, quero saber o que é”, disse ela. O tempo foi passando e Mariana buscando conviver com seu problema que parecia não ter solução.

Certo dia Mariana encontrava-se no jardim da casa, admirando uma bela rosa que tinha desabrochado. Naquele instante teve uma percepção que a ela mesma surpreendeu. Observou que a rosa desabrochada tinha também um vazio, era como um cálice entreaberto voltado para o azul do céu. A menina continua a admirar a rosa e percebia cada vez mais. Viu que o vazio da rosa era justamente por onde esta recebia as abelhas, as borboletas e os beija flores e mais, era por onde a luz do sol, a brisa e a chuva penetravam. Teve então uma inspiração, tinha descoberto o segredo do seu vazio interior. Ele era, como no caso da rosa, seu desejo de desabrochar para o mundo, de viver plenamente. O vazio era um convite à vida, uma janela para o mundo e para os outros. No dia seguinte a menina olhou com gratidão para sua mestra e percebeu uma gota de orvalho brilhando entre as pétalas, Mariana não se conteve e uma lágrima escorreu de seus olhos. A partir deste dia, Mariana sentiu-se mais viva e mais em paz e o vazio passou a ser seu acesso a muitos tesouros.



O que se ganha com as perdas? Pode ser até que nada, exceto uma confirmação da condição humana, uma oportunidade de desenvolver a humildade e renunciar a uma parte da onipotência. Assim, a inquietante história de Jó passa a ser, nas proporções devidas, a história de todos nós, pois este conheceu melhor a Deus e, portanto, a ele mesmo. Mas, então, o que poderá vir por acréscimo a esta experiência de reconhecer a falta essencial? Que horizontes abrir-se-ão à serena estrela da humildade?



O verso de Fernando Pessoa “Tudo vale a pena se a alma não é pequena” pode ser o desafio de poder aprender com as experiências e assim tornar-se alquimista de si mesmo.

Referências Bibliográficas

Anônimo. A Bíblia de Jerusalém. Edições Paulinas: São Paulo, 1989.

Berger, P. **Um Rumor de Anjos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

Bion, W.R. **Estudos Psicanalíticos Revisados**. Editora Imago. Rio de Janeiro, 1994.

Chevalier, J. & Gheerbrant, A.- **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora, 1989. 996p.

Diel, P. **O Simbolismo na Mitologia Grega**. São Paulo, Attar Editorial, 1991. 238pp.

Devereux, G. **Mulher e Mito**. Campinas: Papyrus Editora, 1990. 328pp.

Eco, H. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990. 387pp.

Kaufmann, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

Krautal, Perla. **Winnicott e Lacan**. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

Meireles, Cecília. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

Nunes, E. Simpósio: Homem e Mulher- Amor e Violência. **J brasPsiq**, 31(1):3, 1982.

Pessoa, F. **Obra Poética**. Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro. 1976.

Platão. **Obras Completas**. Madri: Ediciones Aguillar, 1972.

Rank, O. apud Beck, E. **A Negação da Morte**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1976.

Ricoeur, P. **Da Interpretação**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. 442p.

Winnicott, W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975. 208p.